

EPIFANIA: O CLÍMAX DA NARRATIVA NOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

*Maiara Cristina Segato**
*Wilma dos Santos Coqueiro***

Resumo: Clarice Lispector, em muitas de suas narrativas, retrata o aprisionamento das personagens à condição feminina e o desejo de liberdade que as perseguem. Essas personagens, em um dos momentos banais do cotidiano, se deparam com o imprevisto de um súbito instante de revelação ou epifania, levando-as a um processo de autoconhecimento e a um momento de lucidez. Sendo assim, no presente trabalho, analisaremos o processo epifânico nos contos “Amor”, “Os laços de família” e “A imitação da rosa”, que integram a coletânea “Laços de família”, publicada em 1960. O trabalho pautar-se-á em estudos feitos por críticos de Clarice Lispector como: Affonso Romano de Sant’Anna (1973) e Benedito Nunes (1973, 1989).

Palavras-chave: Clarice Lispector, contos, epifania.

EPIPHANY: THE CLIMAX OF THE NARRATIVE IN THE SHORT STORIES OF CLARICE LISPECTOR

Abstract: Clarice Lispector, in many narratives, describes the imprisonment of the characters to the female condition and the freedom desire which pursue them. These characters, in one of the banal moments of the quotidian, they appear with the unforeseen of a sudden instant of revelation or epiphany, leading them to a process of self knowledge and to a moment of clarity. This way, in the present work, the epiphany process will be analyzed in the short stories “Amor”, “Os laços de família” and “A imitação da rosa”, which integrate the anthology “Laços de família”, published in 1960. The work will be organized in the studies done by critical of Clarice Lispector such as: Affonso Romano de Sant’Anna (1973) and Benedito Nunes (1973, 1989).

Keywords: Clarice Lispector, short stories, epiphany.

A literatura revolucionária de Clarice Lispector, marcada pelo caráter existencial e psicológico, se inscreve em uma linguagem profundamente pessoal e inovadora, fugindo do padrão estandardizado¹. Ao lermos a ficção de Clarice, em um primeiro momento, pode nos causar certo estranhamento e certa inquietude, devido à densidade de seus escritos. No entanto, não se trata de uma escritura alienada, pois a fragmentariedade dos seus textos mostram a fragmentariedade do sujeito e da própria vida e a epifania denuncia a problemática existencial das personagens e, portanto, conduzem à revelação dos aspectos sociais. Assim sendo, a escritora trata da

problemática humano-existencial atrelada à sociocultural, pois a posição ocupada pela mulher na ordem social, cultural e literária, a identidade feminina, as relações familiares e as relações de gênero entre homem e mulher estão entre os principais temas de Clarice Lispector.

As narrativas de Clarice Lispector situam-se “no intervalo entre a prosa e a poesia, entre um poema-prosa ou uma prosa-poema” (DINIS, 2001, p. 28). A estética e a linguagem bem elaboradas, centrada na “prosa poética”, servem para revelar a relação entre o sujeito e a realidade, representando o ser humano, nas mais variadas situações da vida cotidiana, enfocando suas angústias, medos, anseios, sentimentos reprimidos, frustrações e questionamentos existenciais.

Dessa forma, torna-se marca característica da autora a sua franqueza ao tratar de aspectos psicológicos, fluxo da consciência e crises existenciais, por meio de um estilo solto e fragmentário, empregando a sutileza do humor, da ironia, bem como o uso diferenciado dos tempos verbais, foco narrativo e figuras de linguagem como o uso intensivo da metáfora insólita, “que valem como sintomas de crise da ficção introspectiva” (BOSI, 1989, p. 474), isto é, uma tensão psicológica que reflete na tensão linguística, pois “o envolvimento do personagem com a linguagem expressa um ritual presente” nas narrativas clariceanas (SANT’ANNA, 1973, p. 196).

Os críticos literários, incompreensíveis à ficção de Clarice Lispector, por não conseguirem enquadrá-la em nenhuma classificação dos gêneros literários até então instituída, se debruçaram sobre suas obras, a fim de perscrutar os seus escritos. Lins (apud SANT’ANNA, 1973, p. 181), ao tentar explicar a literatura intimista e introspectiva da escritora, aproxima-a das técnicas inovadoras do romance psicológico e do chamado fluxo de consciência presente na literatura de Virgínia Woolf e James Joyce. Rosembaum (2006, p. 37), acrescenta ainda que, podemos reconhecer “no ‘realismo psicológico’ chocante de James Joyce e na ‘sondagem introspectiva’ de Virgínia Woolf as principais afinidades de Clarice Lispector”. Já Benedito Nunes (1973, p. 96) aponta na ficção clariceana uma “temática marcadamente existencial” relacionada “a certos tópicos da filosofia da existência, particularmente ao existencialismo sartreano”. Entretanto, o crítico esclarece que o misticismo presente na obra de Clarice Lispector é o elemento que a difere da obra de Sartre.

O termo epifania, que perpassa as obras de Clarice Lispector, vem do grego “*epi* (sobre) e *phaino* (aparecer brilhar)”, ou seja, “epipháneia significa manifestação, aparição” (SÁ, 1979, p. 168). Inicialmente utilizado como conceito bíblico que significa, segundo Sá (1979, p. 168-169), “manifestação divina [...] que sempre traz salvação”. O escritor inglês James Joyce ultrapassa o significado bíblico do termo e o transforma em técnica literária, passando a ser a transfiguração do cotidiano na descoberta do real, em alguns momentos fugidios da

vida. Nesse sentido, Clarice Lispector se apropria do termo reformulado por Joyce e, inspirada no escritor inglês, dá o título "Perto do coração selvagem" (1944) ao seu primeiro romance.

Embora a escritora tenha apreendido o fenômeno da epifania de James Joyce, as maiores semelhanças estão entre suas obras e as de Virgínia Woolf. Mesmo sem haver uma influência direta, a relação Clarice / Virgínia pode ser notada nas evidências e analogias entre aspectos como, entre outros, a não linearidade de escrita, o tempo e o espaço, sendo que o tempo é dirigido pelo fluxo da consciência e o espaço é configurado para auxiliar na compreensão dos aspectos psicológicos das personagens e, principalmente, na discussão sobre o sujeito feminino inscrito no meio social, familiar e literário. Assim, seja por influência de James Joyce ou de Virgínia Woolf, Clarice Lispector, na tentativa de dizer o indizível, expõe as questões psicológicas e existenciais, utilizando o fluxo da consciência, técnica que transcreve o pensamento integral da personagem, e o monólogo interior, processo em que a narração se transfere à personagem, que fala para si mesma, ligando a palavra com o pensamento da personagem.

Se em Clarice Lispector "a escritura é epifânica, a escrita é um rito que cumpre como forma de 'submissão ao processo'" (SÁ, 1979, p. 203). Portanto, o ponto crucial nas narrativas clariceanas é o que muitos estudiosos, como Benedito Nunes (1973, 1989) e Affonso Romano de Sant'Anna (1973), denominam epifania ou "tensão conflitiva", "instante existencial", "momento privilegiado", isto é, uma espécie de descortinamento interior, um momento revelador que "ilumina" a vida da personagem, abrindo-lhe a consciência, levando-a a uma reflexão, fazendo-a dar-se conta de sua problemática. A epifania clariceana é decorrente do encontro entre o Eu e o Outro e entre o Eu e o Mundo. O "Eu x Outro aparece implícita e explicitamente em praticamente" todos os trabalhos de Clarice (SANT'ANNA, 1973, p. 195). No entanto, não existe, em Clarice Lispector, sequer a menção da palavra epifania, mas podemos notar que esse evento é recorrente do drama existencial de suas personagens, que querem escapar de uma vida mecanizada:

É um instante existencial, em quem as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciando-se por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa-se ser apreendida pela palavra. Esse momento privilegiado não precisa ser excepcional ou chocante; basta que seja revelador, definitivo, determinante. Atinge a escritora o anelo de todo ficcionista: o momento da lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio (SÁ, 1993, p. 165).

Importante destacar que é muito significativo o ato de pensar na construção da epifania e na cosmovisão de Clarice Lispector, pois não se trata apenas de um ato voluntário ou racional, mas sim um acontecimento que arrebatava as personagens. Se pensar é um ato incontrolável, exige certa prudência do ser pensante, porque pensar leva o ser ao risco do encontro com o caos, com um estado de experimentação e libertação, que o arrasta para longe dos territórios conhecidos e previsíveis. No universo clariceano, o exercício do pensamento torna-se um ato de transgressão, pois nasce da experimentação das sensações, produzindo, assim, “um pensar-sentir” (DINIS, 2001, p. 127), isto é, uma forma inusitada de libertar o corpo de suas amarras e de experimentar o mundo de diferentes formas.

Clarice Lispector “surpreende o trivial, o corriqueiro da situação familiar e espreita atrás do cotidiano o advento de uma epifania qualquer” (SANT’ANNA, 1973, p. 196). O episódio epifânico ou “tensão conflitiva”, que funciona como “núcleo da narrativa”, é provocado por algo banal do cotidiano em um momento fugidivo, o que resulta no clímax, estabelecendo uma “ruptura da personagem com o mundo”, mediada por uma situação de confronto de pessoa a pessoa e de pessoa a coisa, seja esta um objeto ou um ser vivo, animal ou vegetal (NUNES, 1973, p. 79). Dessa forma, o processo epifânico é “uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação” (SANT’ANNA, 1973, p. 187).

Conforme Sant’Anna (1973, p. 190), tanto nos contos quanto nos romances, o momento epifânico das personagens de Clarice Lispector passa por quatro passos, o que facilita a análise do processo: 1) a personagem é disposta numa determinada situação cotidiana, em um contexto comum do seu dia-a-dia; 2) prepara-se um evento que é pressentido discretamente, isto é, a narrativa dá indícios de que algo está para acontecer e a personagem inicia o processo de “tensão conflitiva”; 3) ocorre o evento, que lhe “ilumina” a vida, ou seja, o clímax da narrativa ou a epifania propriamente dita; 4) ocorre o desfecho, onde se considera a situação da vida da personagem, após o evento.

Seguindo essa estrutura, as narrativas clariceanas são povoadas por personagens predominantemente femininos e mostram a imagem de mulheres “incapazes de gerar sua própria autonomia” (HELENA, 1997, p. 45), reféns do cotidiano, confinadas aos limites do lar e da família, retidas às dimensões de uma casa, numa espécie de prisão emocional. Essas personagens, divididas entre deveres e desejos, vivem sempre em conflito, diretamente ligados à sua identidade, em um estado de inacabamento, em processo de se completar, “como uma espécie de essência da mulher que está sempre em processo de tornar-se mulher” (DINIS, 2001, p. 71). Mas de acordo com Bella Josef

(apud RAMALHO, 1999, p. 173), “o mistério estabelece-se em torno de situações insólitas extraídas do cotidiano”. E, a partir do banal do cotidiano, mesmo sem querer e sem entender, essas personagens, inesperadamente, se deparam com o mistério, com o imprevisto, com “um momento de uma revelação súbita em que a “verdade” é desvelada para trazer os objetos à consciência” (JOSEF apud RAMALHO, 1999, p. 173), buscando em elementos exteriores e naturais, o seu interior, a sua identidade, a fim de fugir dessa existência moldada pelas convenções sociais. Contudo, por mais que essas personagens se defrontem com uma situação inesperada, de revelação interior, de ruptura em suas vidas, elas não terão um final feliz. Elas não conseguem encontrar uma “senda de plenitude, de encontro com sua própria identidade, ou de libertação” (HELENA, 1997, p. 45). Essas mulheres, através do momento epifânico, expõem seus desejos reprimidos, mas “não completam o seu processo de despertar para a autoconsciência, nem se libertam das garras que as aprisionam” (HELENA, 1997, p. 45). Segundo Helena (1997, p. 43), “há um encontro, um confronto e um desencontro sem final feliz”, pois tudo termina de forma instável ou ameaçada, levando à loucura ou ao confinamento do lar novamente.

A partir dessa característica das narrativas de Clarice Lispector, isto é, a epifania, analisaremos o processo epifânico nos contos “Amor”, “Os laços de família” e “A imitação da rosa”, dos quais a escritora questiona, com muita ironia, o modelo familiar imposto pela tradição patriarcal, na qual a mulher, condenada à imanência, fica reduzida ao espaço privado, impedindo-a de atingir sua plenitude existencial.

Ana, a personagem central do conto “Amor”, após intensa juventude, da qual lhe proporcionara uma “exaltação perturbada”, enquadra-se no “destino de mulher” (LISPECTOR, 2009, p. 20), ou seja, no cotidiano doméstico, dos afazeres do lar, vivendo em função dos filhos e do marido. Ela se mantinha sempre ocupada, para não ter que pensar, para se proteger da dor de estar viva, mas em alguns momentos do dia, nas horas perigosamente atraentes, Ana inquietava-se. Em seu inconsciente emergiam desejos, os quais ela insistia em negá-los, em sufocá-los, por considerá-los um perigo à situação segura que imaginava viver. A personagem lutava para manter um equilíbrio e procurava viver uma vida prática, tranquila e previsível, sem situações inusitadas, cuidando do lar e da família. Tudo ia perfeitamente normal e tranquilo, até que, voltando das compras, a imagem de um cego mascando chicletes em um ponto de bonde, provoca-lhe sentimentos dormentes e desconhecidos, desencadeando um súbito processo de autoconhecimento: “Foi então que olhou para o homem parado no ponto. [...] Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles” (LISPECTOR, 2009, p. 21). A visão desse homem desperta em Ana todos os

sentimentos que ela tentara sufocar durante tanto tempo. Por meio do cego, ela desperta, mesmo contra a sua vontade, e as sensações subjetivas inundam o seu mundo, levando-a a mergulhar em crise, questionando a sua existência. O mundo regrado e dosado que, diligentemente, Ana construía, protegendo o ovo e fechando-o às paixões, é posto à prova por um intenso sentimento de vitalidade e piedade. “A descoberta do amor e seu inferno nunca mais permitirá que o mundo familiar de Ana seja igual ao que era antes” (XAVIER, 1998, p. 10).

Então, “O bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou do colo, ruiu no chão [...] os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede” (LISPECTOR, 2009, p. 22). “Na arrancada súbita” e no “quebrar dos ovos”, Ana sente, subitamente, romper sua paz interior, ocorrendo o evento epifânico que provocará a crise existencial na personagem que, a partir desse momento, fica completamente atônita e desequilibrada emocionalmente. Ana sente as sensações e os sentimentos fugirem ao seu controle, tudo se desconstrói ao seu redor, causando-lhe medo. No entanto, ela sente, aos poucos, esvaziar-se do peso de sua vida pessoal, desligando-se por alguns instantes de seu cotidiano represado.

“O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascarando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito [...] A piedade sufocava, Ana respirava pesadamente [...] O mundo se tornara de novo um mal estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam” (LISPECTOR, 2009, p. 22). Esse mal é a crise existencial que ela tanto temia nas horas perigosas da tarde e que agora a atinge irremediavelmente, fazendo com que ela passe a olhar e a sentir o mundo de forma diferente, colocando em risco tudo que Ana construía ao longo de sua vida: “O que chamara de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada [...] Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse [...] E um cego mascarando goma despedaçava tudo isso” (LISPECTOR, 2009, p. 23).

Ana não vê seu ponto de parada do bonde passar e acaba parando em frente ao Jardim Botânico, onde ocorre o clímax da epifania e, portanto, da narrativa: “Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida [...] enfim pôde localizar-se. Andando um pouco atravessou os portões do Jardim Botânico” (LISPECTOR, 2009, p. 24). Conforme Sá (1979, p. 106), “a epifania é um modo de desvendar a vida selvagem que existe sob a mansa aparência das coisas, é um pólo de tensão metafísica, que perpassa ou transpassa a obra de Clarice Lispector”. Assim, ao atravessar os portões do Jardim Botânico, Ana entra em contato com o lado selvagem e imprevisível da vida, vê um lugar de múltiplas existências e percebe que a vida é muito mais do que aquilo que ela conhecia e havia se acostumado. Os “ruídos serenos”, o “zunido de abelhas e aves”, “o poderoso gato”, os ramos

que balançavam e as sombras que “vacilavam no chão” são metáforas da vida explodindo com surpresa desejável e possibilidade do novo: “A crueza do mundo era tranqüila [...] era um mundo de comer com os dentes [...] era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante [...] o mundo era tão rico que apodrecia [...] a decomposição era profunda, [...] o jardim era tão bonito que ela teve medo do inferno” (LISPECTOR, 2009, p. 25). Dessa forma, o Jardim Botânico representa a novidade, a imprevisibilidade, o excesso de vida, isto é, o avesso dessa vida previsível e automatizada do cego e dela própria. Ana sente-se, então, fascinada e com um prazer intenso por esse mundo novo de sensações que ela desconhecia.

Em “Os laços de família”, os personagens são entrelaçados por conflitos. Catarina e Severina, mãe e filha, vivem em um clima de tensão. Contidas e reprimidas, sentiam-se duas desconhecidas. Esse mau relacionamento entre elas conduz os demais laços no conto, influenciando Antônio, marido de Catarina, e o filho do casal. Nesse conto, o momento epifânico provocará uma redescoberta para as duas personagens, mãe e filha, mas principalmente para Catarina que desdobrará outra relação com o filho e com o marido.

Após as duas semanas de visita, Catarina acompanha a sua mãe à estação de trem. As duas se acomodam em um taxi e, de repente, no caminho para a estação, uma freada súbita do carro lançou-as uma contra a outra, como se lhes acontecesse um desastre, uma catástrofe irremediável:

Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera um desastre? seus olhos piscaram surpreendidos, ela ajeitava depressa as malas, a bolsa, procurando o mais rapidamente possível remediar a catástrofe. Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe (LISPECTOR, 1998, p. 96).

Essa súbita freada do táxi provoca a epifania, causando uma ruptura em toda aquela formalidade existente entre os laços de família e na rotina superficial que os comportamentos exigiam, fazendo com que Catarina e Severina se reconhecessem como mãe e filha, unidas por um amor esquecido há muito tempo. Segundo Nunes (1973, p. 83), “o olhar recíproco revela, no conto ‘Os Laços de Família’, a mútua afeição, inconfessada que une mãe e filha”. Dessa forma, elas se olhavam espantadas e atônitas, com a sensação de que haviam esquecido alguma coisa: “ – Não esqueci de nada? perguntou a mãe. – Também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa [...] porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais”

(LISPECTOR, 1998, p. 97). Nesse instante, elas se despertaram para os sentimentos escondidos, contidos, reprimidos e desconhecidos.

Após o momento epifânico, além de mãe e filha se reconhecerem como tal, ocorre também uma ruptura da personagem Catarina com o mundo, provocando uma sensação de liberdade, pois a partida da mãe lhe provocara um intenso desejo de usufruir a largueza do mundo:

Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de acaju. E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade - tudo estava tão vivo e tenro ao redor, a rua suja, os velhos bondes, cascas de laranja - a força fluía e refluía no seu coração com pesada riqueza. Estava muito bonita neste momento, tão elegante; integrada na sua época (LISPECTOR, 1998, p. 98).

Catarina, extasiada, chega em casa e encontra o marido na sala, "lendo os jornais de sábado, 'o seu dia', pois, a tarde de sábado sempre fora 'sua'" (LISPECTOR, 1998, p. 99). Catarina vai até o quarto do filho, empurra a porta e avista o menino, que, até então, com quatro anos de idade ainda não falava. Foi quando, pela primeira vez, o menino com tom de constatação lhe diz: "Mamãe" (LISPECTOR, 1998, p. 99), ocasionando o clímax da narrativa.

O momento em que o menino diz mamãe, Catarina sente algo novo, inexplicável, puro, inédito, rompendo a barreira do silêncio sentimental entre eles, despertando-a para a vida em liberdade. Liberdade de seus sentimentos, de amar, de sentir, de dizer e, sobretudo, sente-se liberta daquela prisão inconsciente imposta pela lei familiar de banir as emoções.

Catarina pega na mão do filho para saírem e "sem parar avisou ao marido: vamos sair!" (LISPECTOR, 1998, p. 100). Ela segurava forte a mão da criança, andava depressa e com os olhos fixos adiante, e os cabelos da criança voavam como se estivesse libertos da aparente prisão do lar. Então, o marido fica sozinho em "seu sábado", no apartamento arrumado, onde "tudo corria bem", "na sala de luz bem regulada", "móveis bem escolhidos", "cortinas e quadros" (LISPECTOR, 1998, p. 101), ou seja, na sua vida de aparências, máscaras e convenções moldadas pelos valores impostos pela sociedade patriarcal. Para o marido, importava-lhe somente dar uma vida confortável à mulher e ao filho. Tudo material, nada mais.

Clarice Lispector, em seus contos, faz mais que uma divisão entre homens e mulheres, ela faz com que o mundo masculino seja ameaçado pela força do instante epifânico feminino, pois por meio dele, a mulher tenta superar a sua suposta inferioridade. Assim, o marido ao ver Catarina sair com o filho é como se pressentisse os

momentos reveladores e libertadores que a mulher vivenciara. Antônio sente-se preocupado e inquieto, pois a liberdade conquistada por Catarina e pelo filho representava uma ameaça à harmonia e a integridade de sua família. O marido também sente o seu posto de chefe ameaçado, em vista da alegria de Catarina vivida individualmente, pois “ela conseguia tomar seus momentos – sozinha. Por exemplo, que fizera sua mulher entre o trem e o apartamento? não que a suspeitasse mas inquietava-se” (LISPECTOR, 1998, p. 102). Talvez ele realmente soubesse que Catarina, naquele dia, rompera as barreiras e as leis existentes até então. Ele “temia que neste momento em que ambos estavam fora de seu alcance ela transmitisse a seu filho... mas o quê?” (LISPECTOR, 1998, p. 101). Catarina conquista a liberdade emocional e transmite essa liberdade ao seu filho.

Em “A imitação da rosa”, a narrativa gira em torno de Laura, dentro do espaço fechado da casa e do cotidiano doméstico. No conto, a personagem Laura, esposa de Armando, está de volta ao lar, após um período de internamento numa clínica psiquiátrica, esperando pelo marido para saírem para jantar com o casal de amigos Carlota e João. A narrativa dá certas evidências de que Laura tivera “problemas psicológicos” e estivera por determinado tempo ausente do convívio social, o que, na verdade, trata-se de inquietações da personagem em relação à sua existência. Contudo, na sociedade em que ela estava inserida, sair do padrão era considerado uma doença, pois o que Laura tivera significava um desvio, uma rebeldia.

Enquanto estava na sala, à espera de Armando, Laura cochilou levemente, mas ao abrir os olhos percebeu um jarro de flores em cima da mesa:

Olhou-as com atenção. Mas a atenção não podia se manter muito tempo como simples atenção, transformava-se logo em suave prazer, e ela não conseguia mais analisar as rosas, era obrigada a interromper-se com a mesma exclamação de curiosidade submissa: como são lindas! [...] mas sem saber por quê, estava um pouco constrangida, um pouco perturbada. Oh, nada demais, apenas acontecia que a beleza extrema incomodava (LISPECTOR, 2009, p. 43).

No momento em que Laura se depara com as rosas, ocorre a epifania e o clímax da narrativa. As rosas a incomodam e a perturbam, pois significam a perfeição, mas, ao mesmo tempo, a desorganização da natureza, sem moldes e sem regras. As rosas exercem nela um contínuo e gradativo processo de sedução que vão do “olhar” ao “ver”: “Olhou-o” (o vaso); “Olhou-as”; “Olhou-a à distância”; “E quando olhou-as, viu as rosas” (LISPECTOR, 2009, p. 42-46). Provavelmente, a perfeição das rosas tenha provocado em Laura o impulso de romper

novamente com seu lado submisso e subserviente, para se tornar “incansável”, “super-humana”, “independente”, “tranquila”, “perfeita” e “serena”. Assim, a beleza das rosas fez com que Laura voltasse ao estado de transe que fizera com que ela fosse internada, anteriormente.

As rosas são metáforas da tentação humana e dos sentimentos reprimidos. Elas provocam um incômodo desejo de experimentar e de transgredir. Entretanto, Laura sente-se culpada por ter comprado rosas tão bonitas, porque ela quer se enquadrar no socialmente aceito. Então, ela, após muito hesitar, decide dar as rosas à amiga Carlota: “[...] porque que não pedir a Maria para passar por Carlota e deixar-lhe as rosas de presente? E também porque aquela beleza extrema incomodava. Incomodava? Era um risco. Oh, não, por que risco? apenas incomodava, era uma advertência, oh não, por que advertência?” (LISPECTOR, 2009, p. 43) A sensação é de que se ela se livrasse das rosas, acabaria o problema. No entanto, após a decisão de abnegar-se das rosas, o conflito apenas se acalmou, mas “as rosas haviam deixado um lugar sem poeira e sem sono dentro dela” (LISPECTOR, 2009, p. 50), ou seja, claro e desperto.

Nos contos “Amor”, “Os laços de família” e “A imitação da rosa” esses momentos de ruptura, cuja profunda crise existencial das personagens resulta de episódios que parecem ser atos banais, pequenos detalhes do cotidiano, algo que não despertaria sequer a atenção, isto é, o ato de mascar chicletes, a súbita freada do taxi e as rosas silvestres, fazem com que as personagens se extasiem num processo epifânico, como um momento necessário e insustentável de tensão:

Não há no mundo de Clarice Lispector, senão uma hierarquia provisória. As grandezas são aparentes, tudo existe por demais. Mesmo aquilo que é pequeno, insignificante ou vil, pode ser objeto de uma visão penetrante, que se estende além da aparência. As coisas representam fisionomia dupla: o comum, exterior, produto do hábito, e a interna, profunda, da qual a primeira se torna símbolo (SÁ, 1993, p. 166).

É necessário destacar também que no conto “Amor”, quando Ana vê o cego, sente uma piedade absolutamente profunda, causando um intenso mal-estar. “E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca” (LISPECTOR, 2009, p. 23). Em “Os laços de família”, após o choque provocado pela súbita freada do táxi, Catarina nota a aparência envelhecida da mãe e sente um profundo pesar. Severina não sabendo como expressar o seu amor em palavras, o exterioriza pelos olhos “e o peso da responsabilidade deu-lhe à boca

um gosto de sangue – como se “mãe e filha” fosse “vida e repugnância” (LISPECTOR, 1998, p. 96-97). Em “A imitação da rosa” quando Laura enxerga as rosas, apesar do fascínio, ela se sente extremamente culpada, como se tivesse pecado por tê-las comprado, mas tenta se convencer de que não era, pois “não fora de modo algum ela quem quisera comprar, o vendedor insistira muito e ela se tornava sempre tão tímida quando a constrangiam, não fora ela quem quisera comprar, ela não tinha culpa nenhuma” (LISPECTOR, 2009, p. 46-47). A náusea, o gosto de sangue e a culpa são os momentos extremos da sensação de ruptura, de tensão entre o Eu e o Outro, entre o Eu e o cotidiano, entre o Eu e o mundo, decorrente do processo epifânico. Em Clarice Lispector:

Os momentos epifânicos não são necessariamente transfigurações do banal em beleza. Muitas vezes, como marca sensível da epifania crítica, surge o enjôo, a náusea. [...] Assim como existe em Clarice toda uma gama de epifanias da beleza e visão, existe também uma, outra, de epifanias críticas e corrosivas, epifanias do mole e das percepções decepcionantes, seguidas de náusea ou tédio (SÁ, 1993, p. 199-200).

Nunes (1973), o crítico que mais se aprofundou na dimensão filosófico-existencialista da ficção de Clarice Lispector, acrescenta ainda que, tal “tensão conflitiva” pode ser apreendida e diferentemente qualificada nos contos da escritora pelo transe nauseante; acesso de cólera; de ira; de ódio; de loucura; de medo; de angústia; e de culpa. Sant’anna (1973, p. 198) afirma que, embora a palavra epifania não apareça nas narrativas clariceanas, alguns vocábulos servem de eixo e têm um sentido específico no léxico de Clarice. A escritora cria uma atmosfera de tensão, conflito e crise, e utiliza esses termos referenciadores como “ritual” de sua escrita “explicitando o campo semântico da revelação”, ou seja, para manifestar a epifania.

Até esse momento, percebemos que após o instante epifânico, os conflitos, os dramas, o descontentamento e a insatisfação interior das personagens, no que tange à vida matrimonial, arraigada às convenções sociais, vêm à tona, fazendo-as darem-se conta de suas realidades aprisionadas, levando-as a um intenso desejo de liberdade e de transgressão aos valores impostos pela sociedade. Mas isso nos incita uma pergunta: Qual o destino das personagens Ana, Catarina e Laura após essa experiência?

O “inferno” que Ana atravessara seria o desejado, o proibido, o avesso à sua vida de dona de casa. Mas ela acaba se rendendo ao cotidiano e resolve voltar para casa, para a família e para o amor convencional que a aprisiona. E “o que o cego desencadeara caberia

nos seus dias?" (LISPECTOR, 2009, p. 29). Ana, "que sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas" (LISPECTOR, 2009, p. 20), ao chegar em casa, faz com que todas as sensações subjetivas, desencadeada pela "tensão conflitiva", vão sendo abandonadas, dando lugar ao concreto, "metonimizada pela figura do filho, a quem aperta com violência, como quem se agarra ao confortável mundo pequeno-burguês" (ZOLIN, 1999, p. 332).

Após a experiência do instante epifânico, Ana passa a ver o mundo de outra maneira, percebendo-o em sua nudez. Ela nunca mais seria a mesma, mas a família lhe trazia de volta à sua vida, à sua realidade: "num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver" (LISPECTOR, 2009, p. 29). Sendo assim, a situação que se desagrega vai se recompondo e "deixa-nos entrever que o conflito apenas se apaziguou, voltando à latência de onde emergira" (NUNES, 1973, p. 81). Então, guiada pela mão do marido, Ana retorna ao lar, à normalidade, à segurança da vida doméstica, na aparente tranquilidade do dia-a-dia. "E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia" (LISPECTOR, 2009, p. 29). O espelho representa aqui, a desestruturação existencial da identidade de Ana, que novamente fecha-se para o mundo com todas as suas angústias e limitações. E ao soprar a "pequena flama do dia", a personagem mergulha novamente na escuridão.

Em "Os laços de família" o dia todo estava sob a ameaça de iluminação e libertação, mas quando Catarina voltasse com o filho, "eles jantariam afastando as mariposas. O menino gritaria no primeiro sono, Catarina interromperia um momento o jantar... e o elevador não pararia por um instante sequer?! Não, o elevador não pararia um instante" (LISPECTOR, 1998, p. 103), ou seja, tudo terminaria bem e voltaria ao normal. Mas o fim do conto termina em aberto. Após o instante epifânico provocado pela mãe e pelo filho, Catarina também passa a enxergar o mundo de outra maneira, mas não sabemos se, após essa experiência, ela realmente se libertará ou se ela se renderá ao cotidiano e, enfim, retornará para casa.

Em "A imitação da rosa", o fim é marcado pela chegada do marido em casa. Armando, ao ver a esposa Laura, percebe que algo estava errado com ela. "Com timidez e respeito, ele a olhava. Envelhecido, cansado, curioso. Mas não tinha uma palavra sequer a dizer. Da porta aberta via sua mulher que estava sentada no sofá sem apoiar as costas" (LISPECTOR, 2009, p. 53). O "sem apoiar as costas" é uma atitude que afirma a sua liberdade e independência em relação ao marido e às amarras sociais que a prendiam. Laura estava novamente "alerta e tranquila" (LISPECTOR, 2009, p. 53), ou seja, duas palavras contraditórias, assim como a própria personagem, dividida entre razão

e emoção, entre ser livre e ser aprisionada, entre ter uma personalidade própria e ter uma escondida sob uma máscara social imposta, simbolizando, assim, a dualidade do ser humano e o desejo de unificação. Nesse conto, a personagem retorna ao estado inicial, contudo, esse retorno é a um estado mental anteriormente experimentado, isto é, “a loucura”, e não à segurança do lar. Não sabemos em qual grau, mas podemos perceber que, de alguma forma, Laura se desliga das convenções.

Nunes (1973) refere-se à última etapa do processo epifânico como “anticlímax”, pois, para ele, a personagem quase sempre retorna para a situação inicial, já Sant’Anna (1973), deixa em aberto. Mas o fato é que podemos observar que os três contos analisados se inserem em uma estrutura linear diferente em relação ao desfecho, ou seja: No conto “Amor”, o quadro inicial da personagem é de “equilíbrio”, sucedido por “desequilíbrio, causado pela epifania e, por fim, retorna-se ao “equilíbrio”, mas diferente do primeiro porque este é uma consequência e um resultado da epifania. No conto “Os laços de família”, o quadro inicial da personagem é de “equilíbrio”, sucedido por “desequilíbrio”, causado pela epifania, e continua em “desequilíbrio”, pois o conto termina em aberto, mas nos deixa entrever que a personagem não retorna ao quadro inicial. E no conto “A imitação da rosa”, o quadro inicial da personagem é de “desequilíbrio”, pelo fato da personagem já ter experimentado a epifania, sucedido por um suposto “equilíbrio”, do qual a personagem tenta resgatar, e finaliza-se com o “desequilíbrio”, causado por um “novo” processo epifânico.

Conforme Sant’Anna (1973, p. 204), depois da revelação, a personagem fica “definitivamente perturbada ou regressa ao repouso inicial. Mas continuará para sempre ‘ferida nos olhos’”. Sendo assim, o momento de lucidez do instante epifânico ocorre para revelar os conflitos, pois faz as personagens perceberem uma realidade contrária à sua e romperem com o mundo, em busca da identidade e da liberdade. E embora os desfechos sejam diferentes e não apontam para uma resolução dos dramas e conflitos, pois estes são interiores, é impossível as personagens, ao deflagrarem a epifania, retornarem ao “equilíbrio” do quadro inicial.

Notas

* Graduada do curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão – UNESPAR/FECILCAM. Integrante do grupo de pesquisa ELIT. Email: maiarasegatolettras@gmail.com

** Doutoranda em Estudos Literários, pela UEM. Integrante dos Grupos de Pesquisa ELIT e LAFEB. Professora assistente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão – UNESPAR/FECILCAM. Email: wilmacoqueiro@ibest.com.br

¹ Artigo vinculado ao projeto de pesquisa “Os caminhos trilhados pela ficção contemporânea”.

Referências

BOSI, Alfredo. Clarice Lispector. In: **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1989.

DINIS, Nilson. **A arte da fuga em Clarice Lispector**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

HELENA, Lúcia. **Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.

JOSEF, Bella. Clarice Lispector e o ato de narrar. In: RAMALHO, Christina. **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: ELO, 1999.

LISPECTOR, Clarice. Amor. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. Os Laços de família. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. A imitação da rosa. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973.

_____. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

ROSEMBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. **Metamorfose do mal: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Editora da USP, FAPESP, 2006.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

Recebido em: fevereiro de 2012.
Aprovado em: agosto de 2012.